

DISSECÇÃO TOTAL CRÔNICA DA AORTA – UMA EXCEÇÃO

Com respeito ao caso publicado no último fascículo desta Revista (PERIS BARBO *et al.* Dissecção total da aorta – relato de um caso, p. 53-56), gostaria de tecer algumas considerações.

A evolução apresentada não é a regra: está entre os 10% que sobrevivem mais de três anos após a dissecção. Ênfase maior deve ser dada à necessidade do diagnóstico, que só foi feito na autópsia, embora tivesse passado várias vezes por serviços médicos.

A ocorrência nos EUA é cerca de 2.000 casos por ano. A maior incidência ocorre na faixa etária dos 50 aos 70 anos, predominando nos hipertensos, e na proporção de 3:1 entre homens e mulheres.

Wheat e Palmer, em seus trabalhos, mostram que ocorre 3% de óbitos súbitos, 30% em 24 horas, 70% em uma semana e 90% em três meses; os 10% restantes sobrevivem noventa dias e, em média, 80% destes persistem vivos por mais de três anos.

Quanto à fisiopatologia, observa-se que, no caso publicado, ocorreu a ruptura interna da parede arterial, com reentrada do

fluxo pulsátil do falso lúmen nas aa. ilíacas (local mais freqüente) e conseqüente cura espontânea do processo, cura esta referida na literatura numa proporção de 1:25 a 1:405 dos casos.

Em relação ao diagnóstico, dois aspectos devem ser relembrados para que este seja o mais precoce possível. Em primeiro lugar, o fato de a doença não diagnosticada e não tratada evoluir rapidamente para a morte; e, em segundo lugar, os progressos obtidos com novos métodos diagnósticos e terapêuticos, permitem mudar a história natural da doença.

Concluindo, a evolução comum de casos cronicados de dissecção da aorta contrasta com a apresentada no referido relato. Deve ser enfatizada a necessidade do diagnóstico pois, quanto mais precoce, maiores serão as chances de tratamento e conseqüente sobrevida.

José Francisco Moron Morad

Professor assistente do Depto. de Morfologia e Patologia – CCMB/PUC-SP

RELATO DE CASO APRESENTADO EM CONGRESSO AMERICANO

Foi apresentado no 57º Annual Meeting of the American Geriatrics Society e 21º Annual Meeting of the American Federation for Aging Research, em Nashville, EUA, de 17 a 21 de maio de 2000, o relato de caso de uma criança com 8 anos e 7 meses com progéria, realizado na Faculdade de Medicina de Sorocaba (PUC-SP); cujos autores são Giselle Helena P. Rodrigues, Izilda E. Tâmega e Vicente Spinola D. Neto. A progéria ou Síndrome de Hutchin-

son-Gilford é uma rara patologia, de etiologia desconhecida, que cursa com fatores de prematuridade e aceleração da idade, havendo fusão de maturidade com a imaturidade. Sua incidência é estimada em 1 para cada 8 milhões de nascimentos. E, até 1990, foram publicados na literatura somente 76 casos da doença.

Izilda das Eiras Tâmega

Professora assistente do Depto. de Medicina – CCMB/PUC-SP